

Imagem no Brasil

Caras de paisagens e a adequação da “boa foto”: narrativas docentes que borram a normatividade...

Alexsandro Rodrigues e Jaqueline Magalhães Brum¹

Presidente Dilma derruba 'kit gay' do MEC²

“Não aceito propaganda de opções sexuais.”



Iniciamos esta conversa sobre imagens³ do Brasil, valendo-nos como recurso teórico e metodológico de narrativas de professores nos *espaçostempos* em que se redesenham a condição

¹ Doutores em Educação; professores do Centro de Educação da Universidade Federal do Espírito Santo

Disponível em:

<http://www.jb.com.br/pais/noticias/2011/05/25/presidente-dilma-derruba-kit-gay-do-mec/> - País - 25/05/2011 às 12h13 - Atualizada em 26/05/2011 às 10h34.

³ - Imagem: disponível em: <http://www.foradoarmario.net/2011/09/dilma-o-congresso-homofobico-e-licenca.html>. acesso: 27/03/2013.

docente. Reforçamos como aposta política que os encontros de professores estão enredados pelas prosas e memórias de escola e se misturam a marcadores como: classe, raça, religião, gênero e sexualidade instituindo modos de se pensar e desejar os sujeitos da educação. Se nos é possível sentir nas narrativas curriculares e nas conversas de professores a fabricação do outro, significa que podemos questionar os modos de produção de alguns discursos e dispositivos que pondo a funcionar relações de *saber e poder* acirram desigualdades e enfrentamentos que nos permitem viver a escola como experiência educativa e a vida como obra de arte.

Nos rastros de Foucault, compreendemos dispositivo como um conjunto de elementos tecidos em redes (saber/poder), que ao circular e produzir afecções potencializam modos de pensar a vida para além dos limites da normatividade. Os dispositivos, assim como as narrativas curriculares, ainda que busquem um alvo específico, produzem efeitos subjetivos que não correspondem à produtividade esperada. Ainda que errando o alvo, não se pode negar o potencial produtivo de um dispositivo.

A fala de uma professora, a partir das mídias noticiosas exemplifica o que estamos pensando por produtividade.

Ficamos curiosos para conhecer o famoso Kit Gay. Navegamos na Internet para ver o que tinha de tão perigoso e imoral. Não encontramos nada até agora e continuamos a procura. O que será que estes políticos e religiosos pensam que somos?...

As narrativas de professores tem se apresentado como *tempoespaço* potencializador de problematizações sobre o que temos feitos de nós mesmos. Se predispostos estamos em considerar as conversas como campo de formação, precisamos nos

conscientizar que não temos controle sobre os rumos das conversas. Numa conversa a 'pose para a boa foto' é sempre adiamento, nunca estamos prontos e preparados para o flash.

Nas descontinuidades das conversas de professores, ao narrarem suas aprendizagens e os limites de nossos conhecimentos sobre a vida que pulsa nas escolas, temos encontrado zonas privilegiadas de liberdade e de resistência ao já dito e ao já feito, borrando as fronteiras dos conhecimentos com as lógicas dos que não se conformam em assumir um princípio identitário.

As conversas em seus modos fluídicos de produção atemporal (trabalham com imagens, memórias, acontecimentos) permitindo-nos tramar as experiências de sujeitos com as dimensões conceituais e políticas de gênero, sexualidade e da diversidade sexual que estão na escola. Estes conceitos estão sendo pensados como ferramenta processual que desestabilizam evidências e nos colocam em movimentos buscantes para melhor compreender as interações educativas, colaborativas e as posições que os sujeitos ocupam nas escolas. No frescor da memória, trazemos mais uma narrativa⁴:

_Hoje uma aluna de quatorze anos, chega e diz:

_Professor, sabia que eu estou ficando com a Bia!

_Ficando....?

_ Ficando professor! Namorando, dando beijinhos...

_ Você não é namorada de Pedro?

_ Era professor... agora estou ficando com a Bia.

_ Só não sei se sou lésbica... sou virgem, não transei com a Bia e nem com o Pedro. Como eu não sei se vou gostar, não sei se sou lésbica. Eu tenho que ser alguma coisa professor? O que sei é que gosto de beijar na boca. Boca é boca.

⁴ Usamos nomes fictícios com a intenção de preservar a escola, o professor e os alunos.

_ Fiquei com cara de paisagem! Aquela paisagem bucólica que a escola gosta de ver.

A aluna da experiência narrada subverte por que possível, a normatividade sexual ao mesmo tempo em que nos convoca a sentir os fluxos da vida com a sexualidade. Dos lugares de poder e de conforto dos que insistem em não conhecer a vida que pulsa na escola, alguns ainda pensam que conseguiram produzir um sentido coerente para a vida e a educação. Nesta procura: Salve as criancinhas, os currículos normativos e os direitos de alguns!

Referência:

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 13.ed. São Paulo: Loyola, 2006.